

Série Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze

Episódio 2 – a Praça Onze

Sobe som Rancho da Praça Onze do início da gravação, com a introdução

Esta é a Praça Onze tão querida / do carnaval a própria vida / tudo é sempre carnaval...” 0.00’40”

Entra a fala e o som baixa em fade out, após os 0.00’40”, enquanto entra a fala.

Olá, este é o segundo episódio da série **Samba de aprende na escola, canções da Praça Onze**. Esta série é um material didático auxiliar para o Ensino Fundamental, Médio e EJA, usando a música popular brasileira como motivo.

Hoje, vamos falar da Praça Onze, bairro que existiu no Rio de Janeiro até 1942 e é considerado o berço do samba.

Sobe som em Bumbum praticundum

0.00’47” Ó, Praça Onze! Tu és imortal / seus braços embalaram o samba/ a sua apoteose é triunfal... 0.01’01”

A música cai em fade out, após 0.01’01”, enquanto entra a fala.

Só que o samba não nasceu na Praça Onze. Ou melhor, não nasceu só na Praça Onze. Ali pelo fim do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, descendentes de escravos e filhos de imigrantes pobres promoviam festas que eram, ao mesmo tempo, profanas e religiosas em vários bairros do Rio de Janeiro. Na

Mangueira, em Madureira e em outros arrabaldes havia festas que começavam com cerimônia religiosa e terminavam no dia seguinte em batuque. Esta música foi ficando profana e virou o samba, em suas diversas vertentes.

A transformação aconteceu também em São Paulo, Minas Gerais, Bahia e em outros estados onde houve escravidão.

Então, por que se diz que a Praça Onze é o berço do samba, se tinha samba pra todo lado? Pode ser porque a Praça Onze ficava na região central da Capital Federal. E, além dos negros, descendentes de escravos, abrigava outros imigrantes, como ciganos, árabes e judeus vindos da Europa Oriental, fugindo das perseguições religiosas. A Praça Onze, era um burburinho de gente dia e noite. O advogado e escritor Ronaldo Wrobel nos ajuda a ter uma ideia do bairro. Ele é autor do romance **Traduzindo Hannah**, que fala da Praça Onze, durante os anos 1930, do ponto de vista dos imigrantes estrangeiros. No caso, judeus vindos da Rússia. Ronaldo, como era a Praça Onze na sua imaginação?

Sobe som Ronaldo Wrobel. Aos 0.04'04

A Praça Onze era um bairro cosmopolita, mas ele não tinha este cosmopolitismo romântico que a gente associa a grandes cidades e coisa e tal. Era um cosmopolitismo pobre. Por que o que se tinha lá era uma agremiação de pessoas pobres, de pessoas desterradas, de pessoas fugitivas de guerras, de revoluções, de perseguições. A Praça Onze acabou se tornando um espaço de conagração de excluídos. E esses excluídos, muitas vezes, não se identificavam com os outros excluídos. **0.04'41”**

Junta com 0.06'48”

O Brasil foi o país onde estas pessoas foram apresentadas a frutas, a carnes, a sabores, a temperos que nunca tinham visto antes. E a Praça Onze completou esse quadro insólito porque foi ali que eles passaram a conviver com negros e não apenas com negros, com italianos, espanhóis, turcos, libaneses, pessoas de vários credos de várias origens. Então, a Praça Onze, na minha, no meu imaginário, é isso. **0.07'18"**

Então, os imigrantes europeus que aqui chegaram, fugidos da pobreza e de perseguições religiosas mudaram totalmente seus hábitos?

Sobe som Ronaldo Wrobel. Aos 0.05'42"

Uma tia minha, prima da minha avó, disse que o que mais a deslumbrou no Brasil é que aqui não tinha frio e você podia comer frutas o ano inteiro. Porque, na Europa, as frutas só brotavam nos meses quentes e eram utilizadas para compotas, para geleias. Era uma extravagância você comer uma fruta fresca. Ela era matéria prima para doces calóricos, para coisas que você deveria usar no inverno. **0.06'12"**

E como foi sua pesquisa sobre a Praça Onze, para escrever **Traduzindo Hannah?**

Sobe som Ronaldo Wrobel. Aos 0.07'56"

Olha, basicamente, o material que eu encontrei foram os livros do Samuel Malamud, alguns textos esparsos, inclusive contemporâneos e, sobretudo, as entrevistas com pessoas idosas, porque eu frequentei ambientes, clubes judaicos, asilos, fui a

residências. Então, o material que eu encontrei foi basicamente este. E não encontrei muita referência jornalística. Eu pesquisei muito o jornal **Correio da Manhã**, edições daquele período.

0.08'32"

Junta com 0.01'10"

...mas não somente sobre a Praça Onze. Sobre o Rio de Janeiro. Eu pesquisei muito na Biblioteca Nacional, imprensa de época, cultura de época. **0.01'23"**

Traduzindo Hannah é uma história policial e de suspense que envolve personagens que viviam na Praça Onze, nos anos 1930, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Sobe som Ronaldo Wrobel. 0.10'51"

O, Beatriz, as minhas pesquisas falam muito do bairro na Era Vargas. **0.10'58"**

Nós falamos da Era Vargas no episódio anterior, lembra? Getúlio Vargas virou presidente do Brasil em 1930, com um golpe de Estado. E governou até 1945, quando foi deposto. Esses 15 anos, foram bastante conturbados, não só pela política interna, mas também pela situação mundial. Conta aí, Ronaldo, como era a Praça Onze na década de 1930.

Sobe som Ronaldo Wrobel. 0.13'11"

A Praça Onze a que eu me refiro ela não é tanto uma praça de alegria de confraternização, com carnaval. E sim a Praça visada pela polícia, a praça das invasões, a praça das fiscalizações, da

tensão política reinante, que foi o ambiente que precedeu a Segunda Guerra Mundial. **0.13'32"**

Junta com 0.13'50"

Era um ambiente onde, efetivamente, você tinha conspirações, discussões, mobilizações... então, havia, por um lado, esse clima de alegria de confraternização e tal, mas havia um clima de tensão que perpassa toda a história... que, na verdade, marcou o final da Praça Onze. **0.14'13"**

Junta com 0.14'19"

A Praça Onze acabou num momento politicamente inamistoso. **0.14'24"**

Mas a Praça Onze teve seu período aristocrático. Sua história começa em 1808, com a vinda de dom João Sexto – e sua corte – para o Brasil. O rei foi morar na Quinta da Boa Vista e, como despachava no centro do Rio, passava pela Praça Onze todo dia. Mas o bairro ainda não existia. Era um pântano que só começou a ser urbanizado em meados do século 19, porque havia um projeto de levar a administração pública para lá. A região passou a se chamar Cidade Nova. A cidade velha era o centro do Rio de Janeiro. Depois da Guerra do Paraguai, passou a se chamar Praça 11 de Junho, para lembrar a batalha do Riachuelo, que foi decisiva para a vitória da Tríplice Aliança na guerra do Paraguai. Até o fim do Império, em 1889, os nobres e burgueses moraram na Praça Onze, para ficar no caminho dos imperadores e, quem sabe, serem vistos por eles. Para isso, construíram sobrados, geralmente com comércio no primeiro andar, moradia luxuosa no segundo e, às

vezes, um terceiro andar. Nas salas dos casarões, ouviam-se cancionetas, como esta, **Quem sabe**, de Carlos Gomes.

Sobe som, Quem sabe, de Carlos Gomes / Afonso Portela, piano e voz

<https://www.youtube.com/watch?v=bjDojltKOC8>

De **0.00'34"** *Tão longe, de mim distante, ouvirás, ouvirás meu pensamento / tão longe, de mim distante / tão longe, de mim distante / ouviras, ouvirás meu pensamento* (termina a frase musical aos **0.01'04"** e dá um fade a partir daí)

Só às vezes ouvia-se um piano popular, como este choro **Odeon**, de Ernesto Nazaré.

Sobe som no choro Odeon, de Ernesto Nazareth, com Lord Vinhateiro ao piano

<https://www.youtube.com/watch?v=zhR8q1X9uQM>

De **0.00'22"** até **0.00'43"**. no fim da primeira parte da música, dá um fade e entra o texto.

Mas a República chegou, os imperadores foram embora e os presidentes da República foram morar perto do mar. A burguesia foi atrás e os casarões da Praça Onze viraram cortiços, onde moravam até 20 famílias em péssimas condições sanitárias.

Para a boa sociedade carioca, a fama do bairro piorou.

Sobe som fala de Ronaldo Wrobel 0.25'25"

Ela talvez tenha sido enfrentada como um mal necessário. E as pessoas, se pudessem, iriam embora de lá. **0.25'31"**

Junta com 0.25'53''

E era um espaço que, muito embora fosse vívido, tivesse uma vitalidade muito grande, você sair de lá, você sair daqueles cortiços... porque a verdade é essa, eles moravam em cortiços, eles moravam em sobrados, muitas vezes, em pensões, onde, as vezes, famílias inteiras se apertavam dentro de um quarto. Você sair de lá era um sinal de status. **0.26'18''**

Mas os imigrantes brasileiros e estrangeiros que chegavam ao Rio de Janeiro, aos borbotões, em busca de oportunidades, iam morar na Praça Onze porque era barato e perto dos possíveis locais de trabalho. Árabes, poloneses, espanhóis, baianos, russos, mineiros, ciganos, paulistas misturavam sotaques e idiomas, mas se entendiam numa convivência tranquila, quase harmoniosa. Os negros e os judeus se destacavam nessa mistura de nacionalidades e etnias. Fisicamente, eles eram bem diferentes, mas tinham muito em comum. Além de um passado trágico de escravidão e perseguições religiosas, não eram bem vistos pela sociedade estabelecida, eram solidários com quem chegava, prezavam muito sua cultura e adoravam música e festa. No entanto, quando falam do passado, negros e judeus não se referem uns aos outros. Como diz o escritor Sérgio Cabral, em seu livro **A História das Escolas de Samba do Rio de Janeiro**, “um povo invisível para o outro”.

Sobe som Ronaldo Wrobel. Aos 0.15.44''

Olha, realmente, não existe a menção a negros na história judaica. E a menção aos negros na história judaica brasileira ela é

episódica. Eu acho que, no caso judaico se deve muito ao fato de que os judeus estão sempre buscando reafirmar a sua cultura, eles estão sempre buscando aqueles elementos que reforçam os traços judaicos, as tradições judaicas, que garantem a subsistência do povo. **0.16'14"**

Os negros também não falam muito dos judeus ou de outros grupos quando contam histórias da Praça Onze. A não ser quando o sambista cita o judeu como a solução imediata de seu problema financeiro. Como no caso deste samba, **Risoleta**, de Luís Barbosa e Raul Marques, cantado por Roberto Silva. Note que o judeu é chamado de Salomão.

Sobe som Risoleta, com Roberto Silva. Aos 0.00'12"

<https://www.youtube.com/watch?v=HrHWTUjo-Vg>

*Eu vou mandar prender / Esta nega Risoleta / Que me fez uma
falseta e me desacatou / Porque não lhe dei o meu amor / Isto é
conversa pra doutor / E ela foi criada / Na roda da malandragem,
hoje vive em vernissage / Sei que com esta nega / Não vou levar a
mínima vantagem.*

*E ela quebrou / O meu chapéu de palhinha, de abinha bem fininha /
E também rasgou / O terno melhor que eu tinha / Quem me deu foi
a Rosinha / E a camisa de seda / Que eu comprei à prestação da
mão do Salomão / (Por preço de ocasião) / E ainda não paguei a
primeira prestação / Meu Deus do céu, que confusão. **0.01'02"***

Mas, nas festas da Praça Onze, todos se misturavam. Os cantos religiosos logo viraram música profana que todo mundo cantava e dançava.

Sobe som João da Baiana na música Que quer que quê

<https://www.youtube.com/watch?v=-RKIkvvvNbk>

João da Baiana: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo

Coro: para sempre seja louvado

João da Baiana: Viva a gente de linha de Angola

Coro: Viva

João da Baiana: Viva a gente de linha de Nagô

Coro: Viva

João da Baiana: E viva a gente de linha de Ijexá

Coro: Viva

Introdução da música (com pandeiro)

João da Baiana (cantando): *Oi que querê ô quê, oi canga!*

Coro: *chora na macumba, oi canga* (Bis) até **0.00'49"**, dá um **fade out no som a partir daí, quando entra a fala.**

A Praça Onze tinha também um carnaval animado. Havia ranchos e blocos. Ranchos desfilavam organizadamente ao som de uma orquestra de sopros. Cantavam músicas como **Ô Abre Alas**, de Chiquinha Gonzaga, feita para o carnaval de 1899.

Sobe som Abre Alas de Chiquinha Gonzaga, cantora e orquestra não identificados. Parece Linda Batista.

https://www.youtube.com/watch?v=DVWwJGEafFA&list=RDDVWwJGEafFA&start_radio=1&rv=DVWwJGEafFA&t=38

A partir de 0.00'05", na introdução da música com metais.

Ô abre alas, eu quero passar/ ô abre alas, eu quero passar / eu sou da lira, não posso negar / eu sou da lira, não posso negar.

Ô abre alas, eu quero passar / ô abre alas, eu quero passar / eu sou da lira, não posso negar / Rosa de Ouro é quem vai ganhar / Rosa de ouro é quem vai ganhar.

Aos 0.00'38". A partir daí dá um fade out no som, e entra o texto.

Rosa de Ouro era o rancho de Tia Ciata, líder comunitária da Praça Onze, em cuja casa as festas religiosas acabavam sempre em samba. Mas quem liderava um rancho também punha seu bloco na rua. Eram chamados bloco de sujo porque saía todo mundo com a fantasia que quisesse, dançando, cantando e rindo de tudo e todos. Este samba, de Luiz Antônio e Luiz Reis, lançado no carnaval de 1969, com o grupo As Gatas, descreve esses blocos.

Sobe som Bloco de Sujo, de Luiz Antônio e Luiz Reis, com As Gatas.

<https://www.youtube.com/watch?v=1oc2q2271XM>

Começa a partir de 0.00'26"

Olha o bloco de sujo / que não tem fantasia / mas que traz alegria / faz o povo sambar / olha o bloco de sujo / vai batendo na lata / alegria é barata / carnaval é pular.

Plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, quem não tem tamborim / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, carnaval é assim.

Aos 0.01'00", o som some em fade e entra o texto falado.

As escolas de samba só começaram a sair em 1928. O carnaval da Praça Onze encantava a sociedade estabelecida que, durante o ano, evitava o bairro. Não ficava bem andar com aqueles imigrantes pobres durante o ano. Mas, no carnaval, umas 40 mil pessoas iam lá ver escolas de samba, os ranchos ou sair nos blocos de sujo. Ronaldo, os judeus fazem alguma referência ao carnaval da Praça Onze?

Sobe som fala de Ronaldo Wrobel. Aos 0.24'16''

Uma curiosidade: a minha avó materna conheceu u meu avô paterno no carnaval. Entende? Quer dizer, obviamente que o carnaval era totalmente incorporado à rotina judaica. **0.24'29''**

A Praça Onze já era famosa em 1917, quando surgiu a música **Pelo telefone**.

Sobe som Pelo Telefone / canta Baiano

<https://www.youtube.com/watch?v=ix7QmEy0NgE>

De 0.00'15''

*O chefe da folia Pelo telefone manda me avisar / Que com alegria
Não se questione para se brincar / Ai, ai, ai É deixar mágoas pra
trás, ó rapaz / Ai, ai, ai Fica triste se és capaz e verás (parte
instrumental) até 0.01'00''*

Pelo Telefone foi a música mais cantada no carnaval de 1917 e, como era um samba da Praça Onze, os cantores e produtores descobriram que o bairro era uma mina de sucessos para o rádio e o disco. Os discos haviam chegado ao Brasil em 1902, trazidos por um judeu, Frederico Figner. A primeira música gravada foi o lundu

Isto é bom, de Xisto Bahia. Lundu vem lá dos tempos da escravidão. Mistura batuque com modinhas portuguesas.

Sobe som lundu Isto é bom demais / Xisto Bahia

<https://www.youtube.com/watch?v=jvrQM63d1mw>

do início até “isto é bom demais” pela segunda vez, aos 0.00’32”

Nos anos 1930, a qualidade dos discos melhorou muito e o rádio ficou popular. Toda casa tinha um rádio e as emissoras precisavam de bons programas para atrair o público. Para isso, havia os sambas da Praça Onze. Desse jeito, a vida no bairro virou tema da música popular. Sempre mostrado como um lugar onde todos viviam em paz e liberdade, uma vida de romance.

Sobe som Moreno Cor de Bronze. De 0.00’19”

<https://www.youtube.com/watch?v=tD4ydXwpaIU>

Moreno cor de bronze, que nasceu na Praça Onze / E se diplomou em samba, na Academia do Salgueiro Tens na cor a faceirice / Tens na voz toda meiguice, própria de um brasileiro. 0.00’41”

A fama de celeiro de bons sambas tinha base real, pois João da Baiana, Donga e Heitor dos Prazeres, nascidos e criados lá, tinham uma produção musical alentada. Noel Rosa, Cartola e Pixinguinha, que eram de outros bairros, iam lá para mostrar músicas novas. Cantores de sucesso, como Moreira da Silva e Carmen Miranda, encomendavam músicas sobre o bairro.

Sobe som Carmem Miranda Ao voltar do samba, de Synval Silva, Com Carmem Miranda e o Grupo de Canhoto

<https://www.youtube.com/watch?v=THkJbGM44kU>

De **0.00'17"**

*Ó Deus, eu me acho tão cansada, ao voltar da batucada, que tomei parte lá na Praça Onze / Ganhei no samba, um Arlequim de bronze / minha sandália quebrou o salto e eu perdi o meu mulato lá no asfalto. **0.00'35"***

Nada disso impediu a demolição da Praça Onze, em 1942, para a Avenida Presidente Vargas passar, ligando o centro do Rio de Janeiro aos bairros da Zona Norte. Ronaldo, como os judeus de hoje falam da Praça Onze.

Sobe som fala Ronaldo Wrobel. Aos 0.31'33"

Beatriz, olha: houve uma ressignificação da Praça Onze pelas gerações que não nasceram lá. 0.31'39"

Junta com 0.32'46"

A geração que ressignificou a Praça Onze foi aquela que nunca morou lá e que já veio com uma cultura diferente. Porque você tem choques geracionais muito grandes entre os judeus que aqui chegaram e os judeus que já nasceram aqui. Que não sofreram provações, que não deixaram parentes lá, que tiveram uma perspectiva muito diferente, mais contemporânea, da realidade.

0.33'15"

Hoje, 80 anos depois de sua demolição, a Praça Onze provoca nostalgia em quem não viveu lá. Por quê?

Sobe som Ronaldo Wrobel. Aos 0.35'16"

Por isso, porque a Praça Onze foi apresentada a essas gerações como uma coisa lendária, como uma coisa romântica. E como uma coisa que é impossível você revisitar porque aquela região foi totalmente arrasada. Você chega lá, o que você encontra são vestígios. **0.35'33"**

Junta com 0.36'18"

É fascinante você chegar num lugar totalmente diferente do que ele foi um dia e tentar encontrar os vestígios de uma época que você não conheceu. **0.36'29"**

Na música popular brasileira, o bairro é tema de canções que contam histórias que, se não são comprovadas com documentos, foram imaginadas pelos artistas. Como neste samba canção **Praça Onze, Berço do samba**, de Zé Keti.

Sobe som Praça Onze Berço do samba.

0.00'14" *Favela, do Camisa Preta, do Sete Coroas, cadê o seu samba, favela? / era criança, na Praça Onze / eu corria pra te ver desfilas* (quando acaba o dedilhado do violão) **0.00'43"**

A partir do próximo episódio, vamos apresentar 16 canções feitas entre 1930 e 1982. Você vai ouvir a versão original de cada música, uma breve notícia sobre seus compositores e intérpretes e uma análise lítero-musical de cada canção. Depois, tem uma versão só instrumental, para você cantar solo ou com outras pessoas.

Você vai encontrar as letras no site www.toris.com.br

Lá você encontra também o texto deste episódio e a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. www.toris.com.br

Muito obrigada e até o próximo episódio.

Vinheta com Voz do Morro

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

0.00'32"

Preparem seus tamborins

A Praça Onze acabou, não temos onde brincar

Por isso, não vamos chorar **0.00'44"**

Esta série foi concebida por mim, Beatriz Coelho Silva, a Totó.

A produção executiva é de Lucas Gabriel MH, Insitte Comunicação.

Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze é um material didático distribuído gratuitamente e não tem fins lucrativos. A direção musical e a versão instrumental das músicas é de Paulão 7 Cordas.

Participaram das gravações: Alessandro Cardoso e Márcio Hulk no cavaquinho, Dudu Oliveira, na flauta; Márcio Wanderley no banjo; Ramon Araújo, no violão, Netinho Albuquerque, Rodrigo Reis, Rodrigo Jesus e Waltiz Zacharias, nas percussões. E Paulão no violão de 7 cordas.

Técnicos de gravação: Jadir Florentino, Ricardo Cidade e Ricardo Calafate.

Assessoria Pedagógica: Juliana Stanzani

Assessoria: KB Comunicação

O apoio cultural é da Maritaca Moda Artesanal.

O apoio moral é de Dinalda Machado, João Vítor Machado, Cely Leal e Teca Pimentel.

No site www.toris.com.br você encontra o texto de todos os episódios e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. www.toris.com.br.

Muito obrigada.